

ANATOLE FRANCE E A HISTÓRIA*

Fernand Braudel

I

Minhas senhoras, meus senhores é minha intenção, esta noite, falando embora de história, fazer-vos reviver um instante na companhia, que vos é tão cara, de Anatole France. Meu mestre Maurice Holleaux, professor de história grega na Sorbonne, membro do Instituto, e um dos homens mais finos e inteligentes que me foi dado conhecer, comprazia-se em dizer: “o maior historiador? ora Anatole France, naturalmente!”. E acrescentava: “o maior dos historiadores, por que não foi um profissional”. Não desejo endossar essa distinção que separa os historiadores amadores, como Anatole France, dos profissionais, como Maurice Holleaux, e, menos ainda, fazer meu um julgamento principal visivelmente arriscado: Anatole France soberano da história, príncipe de Clio? Esse lugar, que o mestre nunca solicitou, conviria conferir-lhe? Não. Hoje menos do que nunca, sem dúvida, pois isso seria desconhecer um movimento que renova em profundidade a disciplina histórica – que France conheceu tão estreita ainda e tão arcaica – e a transforma na mais jovem, rica e vasta das ciências sociais da atualidade. A escola nova, que luta nesse momento pela reno-

* Conferência pronunciada a 9 de outubro de 1935, na sala João Mendes Júnior, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Transcrita de *O Estado de S. Paulo*, em 10 e 17 de novembro de 1935.

vação, já não estuda apenas os aspectos espirituais e políticos das sociedades desaparecidas, mas ainda seus alicerces materiais ou corporais. Para bem apreender essas bases sólidas do passado, historiadores há que não hesitaram em assimilar os métodos e pontos de vista das ciências sociais, afins, nascidas ontem, em apoiar suas pesquisas sobre conhecimentos profundos da economia política ou, mesmo, da matemática financeira. Estuda-se presentemente não a política de Luís XIV, porém o comboio francês durante o seu reinado, na praça de Amsterdã; não a personalidade de Colbert, mas as oscilações dos preços e salários que traduziam, de modo tão evidente, a brutalidade e o fracasso de sua ação; não os episódios da conquista brasileira, porém os ciclos econômicos que animaram consecutivamente a vida no Brasil: ciclo da cana, ciclo do café, ciclo da borracha... Entretanto, talvez convenha lembrar justamente a esses novos pesquisadores, a lição de Anatole France, lição que não foi o único a dar, mas que soube formular com o brilho de seu talento, lição em que ressalta a incerteza fundamental da ciência histórica apoiada no homem, esse ser tão desconcertante e complicado, e acentua as verdades psicológicas que as tendências atuais dos historiadores induzem a desprezar. As sociedades têm um corpo, mas têm uma alma também que é preciso apreender para que o passado não somente nos encante, como, ainda, nos apareça na sua realidade. É nos homens que Anatole France, amante de História, deve ter pensado com ironia e obstinação, nos obscuros como nos grandes, em quem, como é sabido, milhões de indivíduos sem história se amalgamaram misteriosamente. Não, a história não pode renunciar a traçar a curva das grandes vidas. Pois, afastando embora suas mais visíveis incertezas apagaría ao mesmo tempo sua mais ardente chama.

*

Nasceu Anatole France entre livros e os livros falam obstinadamente do passado, das horas que não voltam mais. Anatole France cresceu dentro do passado e parece ter-lhe sempre conhecido os caminhos e paisagens. Sua residência mil vezes descrita, é um extraordinário museu em que as lareiras se adornam com estatuetas de Tanagra... Não conheceu ele, de resto, todos os museus do mundo e não os visitou, a todos, com fervor? Enquanto esse amador dos tempos idos caminha na solidão,

seguro de si o século XIX ergue em volta dele estátuas da ciência. Para ela todas as honras, os incensos e, mesmo, a promessa exclusiva da verdade. Anatole France não é um devoto da religião científica; falta-lhe a fé. Não é dos que acreditam que um dia virá para a ciência, em que lhe será acessível o cume dos cumes, o cimo do cimos, o pináculo donde, como já se afirmou, lhe será “possível, por milagre ver nascer a aurora do crepúsculo”.

Derrubando as estátuas do paganismo científico, por que não demolir também a da história? É fácil a tarefa! A história cujo objeto é o homem – e o homem de ontem – teve sua própria fragilidade e as inferioridades que a condenam. Cem vezes a estátua cai no decorrer das discussões *frauciennes* sob os mesmos ataques muito simples. De duas uma: ou o historiador possui documentos demais ou não os tem em número suficiente por causa das devastações do tempo e do esquecimento. De qualquer modo – com o deserto ou a inundação – permanece idêntica a sua posição; apreender o real que se esquiva pelas forças mágicas da imaginação, pela *alucinação*, como diz Anatole France, numa expressão que me agrada, referindo-se a Michelet. Eis o que explica o abade Jérôme Coignard, o mais vivo e simpático – não o credes? – dos heróis bibliófilos e argumentadores que criou o mestre. Trepado na escada da livraria, a insígnia de Santa Catarina, discute o abade com o proprietário da loja, o qual, do balcão, defende a história, sua verdade relativa e sua utilidade. E conta, então, Jérôme Coignard a saborosa anedota desse rei da Pérsia que, ao subir ao trono – a mocidade vive de ilusões – quis, para melhor dirigir seu país, conhecer a história dos homens e inspirar-se nos seus ensinamentos. Ao fim de vinte anos, seus acadêmicos – que na Pérsia, mostravam uma lentidão que lembra a da academia de Richelieu – trouxeram ao rei, ansioso por verdades históricas, uma interminável caravana de camelos carregando seis mil volumes... Reclamando o soberano um resumo é-lhe o mesmo trazido vinte anos mais tarde sob o aspecto imponente de uma biblioteca de quinhentos volumes.

– Posso afirmar sem falsa modéstia ter sido sucinto, informa o secretário perpétuo.

– Pois não o foi ainda suficientemente, responde o rei. Estou no fim da vida. Resuma ainda, encurte mais, se quiser que eu aprenda, antes de morrer, a história dos homens.

Tornou-se a ver o secretário perpétuo defronte do palácio cinco anos depois. Andando de muletas, segurava pelo cabresto um burrinho que carregava um livro grosso.

– Ande depressa, disse-lhe um oficial, o rei está moribundo.

O rei estava, com efeito, no leito de morte. Virou-se para o acadêmico, deitou sobre o livro grosso um olhar quase apagado e disse, suspirando:

– Hei de morrer, então, sem conhecer a história dos homens!

– Senhor, respondeu o sábio, quase tão moribundo quanto ele, vou resumi-la em três palavras: “eles nasceram, sofreram e morreram”.

E foi assim que o rei da Pérsia aprendeu, um pouco tarde, a história universal.

*

Que os historiadores profissionais excitam a ironia do amador e desencadeiam sua *verve* um tanto cruel, muitas provas o demonstram, mas uma só bastaria para evidenciá-lo. No limiar dessa imensa farsa histórica, que se chama “Ilha dos Pingüins”, France, amigo *soi-disant* da exatidão, remoído de escrúpulos – afirma-o pelo menos – consulta os pontífices nas “ciências históricas” e dirige-se, como por acaso ao célebre Fulgence Tapir, sábio autor dos “Anais universais da pintura, escultura e arquitetura”, naturalmente, míope, escondido atrás de óculos de ouro, como convém a um historiador da arte. O sábio recebe Anatole France com seriedade, gravemente, mostra-lhe um tesouro de fichas, toda a arte em fichas, e diz-lhe que abra uma das gavetas... Gesto infeliz! Num torvelinho fogem as fichas de suas prisões e, azuis, brancas e róseas, submergem a escrivãinha do mestre, afogando-o em suas vagas multicores. “Vi, narra o narrador, durante um segundo, num abismo, o crânio polido do sábio e suas mãos pequenas e gordas. Depois o abismo se fechou e o dilúvio se expandiu por sobre a calma e a imobilidade. Ameaçado também de ser engolido com a escada, fugi através do mais alto caixilho da janela”. Justo revide das coisas, haveis de pensar, pois conheceis, sem dúvida, obstinado e sereno, inofensivo e perseverante, algum Fulgence Tapir que reserva para seus contemporâneos o dilúvio de fichas que fora melhor recebesse sobre a cabeça... que quadros, porém! Verdade é que essas maldades contra a história, essas caricaturas de eruditos maníacos, visam principalmente a história oficial, os homens *d'en face*, esses pontífices, cujos nomes

já se acham esquecidos até... Tenho mesmo em mente um deles, poderoso em seu tempo e temido, membro do Instituto evidentemente, e que se pusera na cabeça proscrever sistematicamente todas as explicações históricas. Era preciso fornecer-lhe história pura, atômica, textos apenas, história em estado de formação, como fornecem os químicos – aos que dizem – iodo e hidrogênio...

Nós desculparemos esse mestre muito caro e tão cruel por outros motivos importantes: amou tanto a história, amou tanto sua difícil profissão! Toda a sua obra mergulha na história, como certas paisagens, nos dias de chuva, se envolvem na neblina colada de árvores do caminho e aos tetos das casas... Percorrê-la é refazer toda a estrada do passado. O Egito de Thaís, todo branco de pássaros, com seus chorões e suas palmeiras, com seus crepúsculos, seus flamingos róseos, é ainda o velho Egito rezando pela lei dos evangelhos e povoando suas fronteiras arenosas de refúgios de anacoretas... Escrevendo seu livro de história sobre “A vida de Joana D’Arc”, terá Anatole France vivido anos e anos nesse século XV tão rude, no findar da Idade Média, no momento em que se partem as molduras antigas e fervem numa enorme caldeira as paixões e os costumes grosseiros... Dez vezes, pelo menos, terá ele feito a viagem do século XVIII... e, finalmente, recordando sua própria história, a que deixava atrás de si, retraçou, com seus Bergerets, a história de uma idade de ouro, a vida da terceira República antes dos horrores da grande guerra... E não indico todas as etapas de sua procissão pelo passado. Uma predileção secreta conservou-o mais tempo parado no século XVIII, que parece ter sido sua época preferida. Mas o século XVIII mesmo? Não. Paris do século XVIII. Pois como poderia ele viver, embora apenas pela imaginação, longe das margens do Sena? A Paris em que caminha como um burguês prudente, é a mesma com a qual se depara, ainda, por acaso, longe das artérias modernas, a cidade que é possível imaginar com suas ruas estreitas, seu calçamento de pedras largas, suas casas ávidas de espaço, abraçando-se por cima das calçadas escuras, e que, em fila dupla, se alinham a cada lado das pontes do Sena.

O Pont Neuf, livre dessa guirlanda, é, por isso mesmo, o ponto dos basbaques, dos canoeiros, vagabundos, mercadores de libelos, atraídos pelo espetáculo dos transeuntes e a imponente perspectiva do rio... Imagine, na cidade do mui cristão Saint

Benoit le Bétourné e seu pórtico, o *Petit Bacchus* onde se bebe o vinho “azul”, o livreiro, a insígnia de Santa Catarina de que falei a pouco e a ilustríssima “Rotisserie de la Reine Pédauque”. Esta época ele a terá amado no seu florescer, na sua maturidade tranqüila e também no drama de seu outono: a Revolução. *Les dieux ont soif* descreve admiravelmente o delírio do ano II, quando o país, ameaçado pela guerra civil, luta nas fronteiras em chamas contra a coligação da Europa ...

II

Mas não constitui a História apenas um quadro, uma iluminura, uma tela de fundo para os romances e novelas de France. Insinua-se até o cerne da obra, aí semeia seus problemas e – porque não dizê-lo? – sua angústia. Nesta sala, em que sois, todos vós, historiadores, amadores ou profissionais, apraz-me assinalar um de nossos erros mais freqüentes e perigosos. Não vos aconteceu fora dos documentos que nos esmagam e nunca dizem aquilo que mais nos interessaria, não vos aconteceu ao menos uma vez, sonhar a História? No fim da vida, Michelet é visto por seus amigos, na praça do mercado velho em Rouen; está sentado, com o rosto entre as mãos e o amigo que o interpela percebe que ele chora. A evocação de Joana D’Arc vem de repente magoar-lhe... o coração. Desculpa-se o escritor e, mostrando a torre em que ela esteve presa, diz: “Ela está aí”.

Comparar France a Michelet é um exercício escolar; diferem tanto um do outro! Hesita-se em opor às alucinações de Michelet os sonhos metódicos e raciocinantes do primeiro. A posição intelectual é a mesma, entretanto, à margem das afirmações da história; mas as alucinações de France são secas, desprovidas de lágrimas... Mostra-se, o cruel, extremamente hábil em pintar-nos, na tela cinza das verdades cotidianas, os grandes de antanho com pensamentos tão vulgares quanto os nossos... Imaginamo-los preocupados com sonhos sobre-humanos, e ele os descreve atentos àquilo que menor significação terá aos olhos dos apaixonados pela sua história.

Pôncio Pilatos, procurador de Judéia, aparece-nos com as mãos sujas de um sangue inextinguível, o sangue de Cristo. É um maldito da História. Imagino que France se aproxima dele com uma piedade secreta. Não, não se trata de um carrasco. Um

velho romano, em que vive ainda a mocidade virtuosa da Roma primitiva, da Roma de Cincinato e Régulo... Cheio de respeito pelos deuses, austero e tão reto na compreensão de seu dever este estadista que se vê obrigado a deixar a administração imperial e dedicar-se a suas terras da Sicília, vendendo o trigo e o azeite e governando sua “fazenda” com uma economia que parece obedecer aos conselhos de Catão, o antigo. Um amigo fiel, também, que gosta de falar de tudo com sinceridade. Agradou Anatole France sonha-lo assim. Mas um esforçozinho e eis criado o amigo imaginário, um desses romanos que, sobre pretextos de razões políticas mas efetivamente por insaciável curiosidade, percorrem o mundo mediterrâneo. Lâmia viu Pilatos na Judéia. Encontra-o agora em Baiés, à beira do mar Tirreno, que é azul, roxo ou escuro como o vinho segundo a hora e que, para além do horizonte envolve Capri, a ilha onde a poucos anos morreu, solitário e descrente nos homens, Tibério, o Triste. Ao jantar, a conversa recai sobre a longínqua Judéia. E Lâmia começa a contar recordações que lhe sobem ao espírito...

“Elas dançam com tanta languidez, as mulheres da Síria, confia ao amigo. Conheci uma judia de Jerusalém que dançava numa tasca, à luz de uma lâmpada fumegante e sobre um tapete estragado, erguendo os braços para bater os címbalos, de rins arqueados, cabeça caída para trás como que sob o peso dos cabelos ruivos, olhos cheios de volúpia, ardente e langorosa, flexível, ela teria feito empalidecer de inveja a própria Cleópatra. Agradavam-me suas danças, seu canto levemente rouco mas tão suave, seu perfume de incenso, o meio sono em que parecia viver. Seguiu-a por toda a parte. Misturava-me ao mundo vil dos soldados, saltimbancos e publicanos que a cercavam. Desapareceu um dia e nunca mais a vi. Procurei-a durante muito tempo nas vielas suspeitas e nas tavernas. Era mais difícil desabituá-la de dela que do vinho grego. Meses depois de tê-la perdido, vim a saber, por acaso, que se juntara a um grupo de homens e mulheres que seguiam um jovem taumaturgo galileu. Fazia-se chamar Jesus, o Nazareno, e foi crucificado não sei por que crime.

– Lembra-te Pôncio, desse homem?

Pôncio Pilatos franziu as sobrancelhas e levou a mão à frente, como alguém que procura na memória. E depois de alguns instantes de silêncio:

“– Jesus, murmurou. Jesus de Nazaré? Não me lembro”.

*

Júlio César, outro rude pró-consul, conquista a Gália cabeluda. Anatole France segue-lhe as pegadas sangrentas. Durante o inverno, o bárbaro vencido pensa no revide, subleva-se na primavera e vem quebrar-se, no verão, defronte do legionário impiedoso e metódico que o esmaga para que a Gália seja Latina. E enquanto o soldado canta seus refrãos, carregando os haveres na ponta da lança, enquanto gemem os carros de guerra e se chocam as armas, ávido de conhecer e compreender e também de escrever o monumento dos “Comentários”, César colhe informações sobre o país, os costumes as crenças... Ao seu lado coloca France um Vercingetorix de fantasia, Komm o Atrébata. Navega a frota romana para a Gália, de volta da Bretanha. Komm viaja com César; em volta deles e do navio em que se encontram as águas pálidas da Mancha. A lua, diz Komm, é uma divindade poderosa, amiga dos gauleses. – A divindade da lua, responde César, é reconhecida pelos romanos e gregos. Mas não creias, Commius, que este astro que brilha sobre a Itália e a terra inteira seja particularmente favorável aos gauleses. – Toma cuidado, diz o atrébata, e pesa tuas palestras. A lua que vê aqui correr entre as nuvens não é a que brilha em Roma por cima dos templos de mármore. Esta, não seria possível ver da Itália, embora seja grande e luminosa; não o permitiria a distância”...

Um último exemplo, se me permitirdes. Mais do que o faz pensar sua obra escrita, France viveu obcecado pelo destino de Napoleão. Uma de suas novelas conta justamente a odisséia do Bonaparte que, tendo abandonado o Egito e o exército que aí conduziu, atravessa em diagonal o Mediterrâneo, a bordo da fragata “Le Muiron”. Durante semanas, ele e seu destino vagarão entre céu e mar... Que tentação imaginar o pensamento daquele que vai conquistar a França e o mundo, nesse momento obscuro de sua vida! “As costas da França aparecem. Um tumulto de pensamentos corre-lhe pela alma. Assalta-o uma visão brilhante e confusa de armas e de togas: um imenso clamor enche-lhe os ouvidos no silêncio do mar. E, entre as imagens de granadeiros, magistrados, legisladores, hordas humanas, que passam diante de seus olhos, ele percebe sorridente, o lenço nos lábios e o colo semi-nú, Josefina, cuja

lembrança lhe fustiga o sangue”. Não duvideis: France desejaria mostrar-nos em Bonaparte, candidato a César, os simples sonhos de Romeu ...

*

Já desconfiávamos da existência de um Anatole France amigo das fichas, de um Anatole France-Fulgence Tapir; Jean Jacques Brousson, o abominável Brousson, no-lo confirma. A nós de sorrir, se acharmos que vale a pena... Sabia-se que o Mestre tinha trabalhado com afinco e longamente para escrever sua Joana D’Arc. Conta-nos o secretário indiscreto e desculpo-me de citar de memória o pormenor – que France lhe pediu um dia que trouxesse “o saco”. Trouxeram-no com dificuldade, pois era pesado. Continha fichas, cópias, referências bibliográficas do trabalho em andamento e o senhor da “Vila Said”, suspirando, disse: “Deve pesar uns sessenta quilos”.

Não pode a escolha do assunto vos espantar. Já estais prevenidos com os exemplos de história romanceada que vos citei. O amador aprecia, na história, os problemas insolúveis, os problemas sem resposta, e o de Joana D’Arc está entre esses. Nunca a *legende dorée* pareceu mais próxima da terra. Nossas balanças nada valem para um peso tão precioso. Conheceis o dilema mil vezes repetido: ou Joana é uma santa ou, desculpai os termos, uma iluminada, uma alucinada, uma louca. Mas Anatole, aluno historiador profissional, afasta ambas as hipóteses. Não é necessário dizer-vos por que motivo ele rejeita a lição da igreja e não a considera uma santa; mas nem louca, tão pouco. Joana é uma menina sadia e forte das nossas regiões do leste. Basta ouvi-la responder aos juízes, no decorrer desse horrível processo de Rouen, para verificar indubitavelmente que tem bom senso, raciocínio, julgamento, habilidade. Eis o historiador bem longe das estradas seguidas e feliz, sem dúvida, de se ver sozinho. Para vencer as dificuldades que o envolvem, dispõe-se a reconstituir a atmosfera, o ambiente, ou, empregando a palavra hoje em moda, o clima. Desse ponto de vista, sua tentativa é um êxito que não tem equivalente na nossa literatura histórica e lhe inspira observações preciosas que não se deve deixar de ler no prefácio do livro. O que impede os mais eruditos de apreender o passado, diz em resumo, não é aquilo que ignoram, mas o que conhecem. Nessa viagem empreendida através da profundidade e da noite do tempo, leva consigo todas as luzes do presente.

Não esquece nem as lutas políticas, de que percebe os rumores vagos de sua casa, nem a bagagem científica e religiosa do homem de bem. E visitará a França de Joana D'Arc como um turista absurdo e alucinado... Para a viagem terá composto pessoalmente uma alma, olhos, mãos e inteligência de antanho; assim o passado se reformará, não dentro dele, filho póstumo de Voltaire, mas dentro de uma alma simples e um tanto astuta de um burguês de Orleans, de Chinon ou de Paris. O espelho em que a Donzela, o rei de Bourges, os juízes e os soldados virão como sombras, suas imagens, será fiel e de boa época. Mas todo esse esforço laborioso, todo esse cuidado diligente, não estão isentos de cálculo, do desejo secreto de dizer uma frase como essas que citarei: “Não me lembro... a distância não o permitiria... a lembrança de Josefina”... no cimo do seu livro enorme, uma pequena chama de lamparina se acende, perigosa, discutível, uma idéia mirrada com que remata a pesquisa desesperada da obra. Joana, a camponesa de Domrémy, fiel às *voces*, nada mais foi, diz France, que o instrumento da política real, seu fetiche, seu talismã. O próprio governo favoreceu o desenvolvimento da lenda milagrosa avolumada pelas mil torrentes simultâneas nascidas no coração dos humildes, essa inesgotável fonte... Desaparece assim na bruma, no matagal das lendas, a fisionomia verdadeira e comovente de Joana D'Arc. Um milagre? Seguramente, mas tomai cuidado, pois foi derrubado como se derruba uma tocha ardente; um milagre já não mais celeste, porém, ligado pelos homens, funcionários reais ou modestos portadores de efígies de chumbo da santa, ao próprio solo da terra. Como vede, a explicação elegante permanece muito discutível e não a quero dar como peremptória, nem tão pouco discuti-la como con-viria, como talvez o desejeis, porque devo apressar o fim dessa conferência.

Uma idéia me vem à memória, ou melhor um tema com o qual se depara, não raro na encruzilhada de seus trabalhos: a inadaptação do historiador à vida de sua própria época. Se houvesse necessidade de um apólogo, o cronista dos “Gesta Pinguinorum”, Johannes Talpa, no-lo forneceria de dentro da sua Idade Média de opereta, ele que enquanto ruem os muros de sua sabedoria sob o assalto dos bárbaros, indiferente ao ruído da batalha, escreve nervosamente os fastos de seu povo. Ora, esta imagem não poderíamos aplicá-la, como uma cópia exata, à vida do próprio

Anatole France, para apreender-lhe um segredo entristecedor? Ele também, o pai de Bergeret, de Silvestre Bonard, de Jérôme Coignard, deu as costas à vida. Durante um instante, por ocasião do *Affaire Dreyfus* tomou partido, desceu à arena e sua voz trêmula se perdeu na confusão das reuniões públicas... Mas logo abandonou o mundo da ação, aderindo, com uma palavra de adeus, às idéias mais avançadas, ao socialismo, provavelmente, para obedecer à consciência ao mesmo tempo que para assegurar um futuro sossegado. Não faltou quem sorrisse do socialismo de Anatole France, esse aristocrata... esse castelão. Seu automóvel pintado de vermelho não enganou a ninguém, nem mesmo aos proletários “cuja união devia garantir a paz do mundo”. Mas não inculpemos a história por esse retiro intelectual. Abandonou o mundo por convicção pessoal. Nascera entre livros e não na praça pública e o entusiasmo e a fé, sem os quais não é possível agir no meio dos homens, lhe faltavam. Ele mesmo sentiu essa inferioridade de sua natureza. Lembrai-vos das últimas frases admiráveis das *Opinions, de Jérôme Coignard*. O abade e seu beato discípulo, Jacques Tournebroche, acham-se à beira do Sena. O Mestre sente a dúvida e o remorso penetrarem-lhe profundamente a alma. A tudo discutir e demolir junto do aluno demasiado dócil, não terá cometido uma má ação? “É preciso, diz bruscamente o abade, para servir os homens, rejeitar totalmente a razão, como uma bagagem incômoda, e erguer-se nas asas do entusiasmo. Raciocinando não se alça vôo”. Palavras excessivas, vós bem o sentis, mas justas em profundidade. Anatole France não alçou vôo, eis tudo. Sem dúvida teve ele, como cada um de nós, os maiores como os mais modestos, esse aviso que não engana nunca, esse imperativo que nos curva sobre a nossa verdadeira tarefa e nos conduz ao nosso destino... Era preciso que ele fosse Anatole France e logicamente voltasse a seus livros, ao *Jardin d'Epicure*.